

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEANDRO ONESKO



O TRABALHO COM A TERCEIRA MEDITAÇÃO DE DESCARTES NA AULA DE  
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

PRUDENTÓPOLIS

2018

**LEANDRO ONESKO**

**O TRABALHO COM A TERCEIRA MEDITAÇÃO DE DESCARTES NA AULA DE  
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria Adriana Camargo Cappello.

**PRUDENTÓPOLIS**

**2018**

## RESUMO

Este estudo apresenta uma proposta de trabalho com a Terceira Meditação, das conhecidas “*Meditações*” de Descartes, nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. A proposta está direcionada para a leitura, interpretação e reflexão sobre o referido texto. Na Terceira Meditação, Deus é indicado como o autor e causa das ideias de infinito e de perfeição existentes nos indivíduos finitos e imperfeitos, donde decorrerá a prova da própria existência de Deus. O objetivo deste estudo é instigar nos alunos do Ensino Médio o pensamento crítico sobre a existência das ideias humanas e a existência divina, de forma a compreender, em Descartes, como se constitui a realidade a partir das ideias. A sugestão de trabalho contempla o uso de informações biográficas do autor e a contextualização da obra, bem como a leitura do texto clássico do filósofo, guiada por um roteiro de leitura, elaborado para auxiliar no entendimento do texto. Após esta sequência de atividades acerca do tema da existência divina em Descartes, espera-se que os alunos compreendam que, para este autor, Deus é a base de todo o conhecimento e daquilo mesmo que se pode conhecer, ou seja, da existência das ideias.

Palavras-chave: Descartes. Existência de Deus. Representação das ideias.

## **ABSTRACT**

This study presents a work proposal with the Third Meditation, of the well-known "Meditations" of Descartes, in the Philosophy class of High School. The proposal is directed to the reading, interpretation and reflection on this text. In the Third Meditation, God is indicated as the author and cause of the idea of infinity and perfection existing infinite and imperfect individuals, from which the proof of God's very existence will take place. The purpose of this study is to instill in students of High School the critical thinking about the existence of human ideas and the divine existence, in order to understand how reality is constructed from the world of ideas. The suggestion of work includes the use of biographical information of the author and the contextualization of the work, as well as the reading of the classic text of the philosopher, guided by a reading script, designed to assist the understanding of the text. After this sequence of activities on the subject of divine existence in Descartes, students are expected to understand that for this author God is the basis of all knowledge and likelihood of knowing, that is, of the existence of ideas.

Keywords: Descartes. Existence of God. Representation of ideas.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. DESCARTES.....</b>	<b>8</b>
2.1 BIOGRAFIA DO AUTOR.....	8
2.2 EXISTÊNCIA DE DEUS PARA DESCARTES .....	10
<b>3. PROPOSTA DE TRABALHO COM A TERCEIRA MEDITAÇÃO DE DESCARTES.....</b>	<b>13</b>
3.1 INTRODUZINDO A DISCUSSÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS.....	13
3.2 O CONTATO COM O TEXTO CLÁSSICO.....	14
3.3 O ROTEIRO DE LEITURA.....	15
3.4 A REFLEXÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS E A IMORTALIDADE DA ALMA.....	17
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a proposta estará centrada na leitura, interpretação e reflexão da Terceira Meditação de Descartes, aplicada ao ensino de Filosofia no Ensino Médio.

O objetivo deste estudo é de instigar nos alunos do Ensino Médio o pensamento crítico sobre a existência das ideias humanas e a existência divina, de forma a compreender como, em Descartes, a realidade se constitui a partir das ideias.

Espera-se que o tema desperte interesse nos jovens pela grande abrangência que possui. Mesmo que a discussão seja conduzida de forma direcionada para Descartes, o tema em si pode instigá-los à pesquisa de outras opiniões sobre o modo como os filósofos pensaram Deus ou procuraram provar sua existência, das diversas visões filosóficas e estudos existentes sobre o assunto. Fazendo uso de seu conhecimento de mundo, os jovens certamente trarão opiniões e questionamentos enriquecedores para a discussão.

A discussão filosófica sobre a existência de uma divindade teve início, no Ocidente, com Platão e Aristóteles, que apresentavam interesse epistemológico e metafísico nessa investigação. Essa busca pelo divino, na filosofia, está ligada à busca de um fundamento último e absoluto para o conhecimento. Descartes interessou-se pelo tema e buscava comprovar também a existência de uma alma imortal.

Descartes trata da existência de Deus e da imortalidade da alma, com o intuito de mostrar a veracidade das representações das ideias. A Terceira Meditação comprova a existência de Deus, um ser infinito e perfeito, possuidor de qualidades como onisciência, onipotência e onipresença.

O processo de raciocínio utilizado por Descartes era baseado na "dedução". Ele partia de conceitos gerais até chegar às noções particulares, por meio do princípio racionalista e do método lógico dedutivo. Tal método envolvia algumas etapas, dentre elas a etapa de análise, na qual as proposições gerais eram analisadas em seus elementos mínimos e evidentes e a etapa de dedução, na qual ele passava de uma ideia evidente à outra, por meio do processo dedutivo.

Assim, Descartes jamais aceitava como verdadeira coisa alguma que não se avaliasse como evidente, acima de qualquer questionamento; realizava o processo

de examinar algo em etapas, tantas quantas fossem necessárias, buscando solucionar os problemas de forma isolada; organizava os pensamentos pelos temas mais simples até os mais complexos; enumerava da forma mais exata possível suas considerações e as revisitava para ter certeza da conclusão total do problema.

Seu método de fazer filosofia baseado na verdade foi reconhecido e o criador do pensamento cartesiano passou a ser respeitado por seu sistema filosófico que deu início a Filosofia Moderna.

Essa forma de Descartes entender as ideias e o mundo será analisada no primeiro capítulo, após uma breve exposição biográfica sobre a vida do autor.

Silva (2004), que apresenta três provas da existência de Deus, aplicando o princípio da causalidade; e Rodrigues (2013), que afirma que o princípio de causalidade é importante para mostrar não só que há alguma coisa externa ao próprio pensamento, mas que esta coisa existe como um ser perfeito: serão alguns autores que servirão de base para o levantamento bibliográfico acerca do tema.

Descartes, em suas "*Meditações*", apresenta inicialmente a dúvida geral, que livra o pensamento dos pré-julgamentos do senso comum e prepara o espírito para desprender-se dos sentidos, não permitindo haver dúvidas depois de instituída a verdade.

Em seguida, mostra que o espírito descobre não poder duvidar de sua própria existência, por maior que seja a dúvida, uma vez que ele é aquele que duvida e, nessa medida, uma coisa existente que, não apenas duvida, mas exerce todos os demais atos de pensamento, como sentir, imaginar, querer, compreender, etc. Descartes descobre-se então como uma coisa pensante, o *cogito*, sua primeira certeza que será critério para todos os demais conhecimentos passíveis de serem estabelecidos. Esta sua natureza pensante ele a distingue da natureza corpórea, demonstra que o espírito é diferente do corpo e que a alma é indivisível. No entanto, sua existência e persistência no ser enquanto substância pensante requer o ser divino, requer Deus. Chegamos então ao tema, propriamente dito, deste trabalho, a ser tratado mais detidamente com a análise da Terceira Meditação.

Na Terceira Meditação, Deus é indicado como o autor e causa da ideia de infinito e de perfeição existente nos indivíduos finitos e imperfeitos, donde decorrerá a prova da própria existência de Deus, como aprofundaremos neste trabalho.

As ideias presentes nas meditações anteriores contribuirão para este trabalho, servindo de base para demonstrar o método de Descartes, ao buscar a

certeza a partir da dúvida universal e dividir a natureza em substancia pensante e substancia corpórea, defendendo sua ideia da existência de uma alma imortal até chegar ao tema da existência de Deus.

No segundo capítulo, apresentaremos a proposta de trabalho com o texto de Descartes, que terá início por uma discussão com os jovens do Ensino Médio sobre a existência de Deus, representando a ideia de algo superior no universo, algo transcendente e que é a origem de todo conhecimento adquirido pelo homem. Deus, segundo Descartes, é o criador do indivíduo que "pensa e existe".

Na sequência, será proposto o contato com o texto filosófico clássico, acompanhado de um roteiro de leitura, que auxiliará no entendimento do conceito e direcionará a reflexão sobre a existência divina, da alma imortal e o processo de representação das ideias humanas.

Os alunos do Ensino Médio, participando desta discussão, desenvolverão criticamente o pensamento, refletindo não somente sobre a existência de Deus, mas também sobre o processo de construção das ideias humanas e como se constrói a realidade em que vivem a partir de um mundo de ideias. O próprio processo de aprender está inserido neste universo de construção do pensamento.

A última parte deste estudo apresentará as considerações finais acerca da proposta de trabalho e das perspectivas em relação ao seu aproveitamento.

## 2 DESCARTES

### 2.1 BIOGRAFIA DO AUTOR

René Descartes, também conhecido por seu nome latino *Renatus Cartesius*, propôs uma filosofia baseada apenas na verdade, segundo ele a ciência deveria ser prática e não especulativa. Além de filósofo, era físico e matemático. É respeitado como o criador do pensamento cartesiano, sistema filosófico que deu início a Filosofia Moderna.

René Descartes nasceu em 31 de março em La Haye, província de Touraine, hoje Descartes, na França. Seu pai Joachim Descartes era advogado e juiz, dono de terras e possuía o título de escudeiro, primeiro grau de nobreza. Era ainda conselheiro no Parlamento de Rennes na cidade de Bretanha. Sua mãe, Jeanne Brochard, morreu quando ele tinha um ano, em 1597 e ele foi criado pela avó.

René Descartes estudou no Colégio Jesuíta Royal Henry - Le Grand de 1607 e 1615, o colégio mais conceituado da França. Formou-se em Direito pela Universidade de Poitiers, mas não exerceu sua profissão, contrariando a vontade de seu pai.

Posteriormente, passou a fazer parte do exército do príncipe Maurício de Nassau, na Holanda, onde teve contato com as descobertas recentes da Matemática da época. Lá conheceu Isaac Beeckman, que o influenciou fortemente, e compôs um pequeno tratado sobre música intitulado *Compendium Musicae* (Compêndio de Música).

Precocemente iniciou a estruturação de sua "geometria analítica" e sua forma de "raciocinar corretamente". Propondo uma ciência unitária e universal, lançou as bases do método científico moderno.

Em 1629, começou a escrever o "Tratado do Mundo", uma obra de física em que traz a sua tese a respeito do heliocentrismo, mas em 1633, quando Galileu foi condenado pela Inquisição, Descartes desistiu de sua ideia de publicá-lo.

No ano de 1635, nasceu Francine, filha de Descartes com uma serviçal. A criança foi batizada em 7 de Agosto de 1635, mas faleceu precocemente, logo em 1640, o que foi uma enorme tristeza para Descartes.

Em 1637, publicou três pequenos tratados científicos: "A Dióptrica", "Os Meteoros" e "A Geometria", mas o prefácio dessas obras foi o responsável por seu futuro reconhecimento: o "Discurso sobre o método".

"O Discurso Sobre o Método" é tida como um tratado matemático e filosófico, no qual defende a autoridade da razão. Seu método de raciocínio "Penso, logo existo", apresentado nesta obra, é a base de toda a sua filosofia e do racionalismo científico. Nessa obra, Descartes apresenta ainda os quatro princípios para se alcançar o conhecimento: nada é verdadeiro até ser reconhecido de tal forma; os problemas devem ser avaliados e solucionados de forma sistemática; os conceitos devem iniciar daquilo que é mais simples para o que é mais complexo; e o método precisa ser revisado do início ao fim para que nada relevante seja ocultado.

Em 1641, surgiu sua obra mais conhecida: as "Meditações Sobre a Filosofia Primeira". São seis as famosas "Meditações" criadas por Descartes. Sua principal motivação era tentar responder a duas questões importantes: a existência de Deus e a imortalidade da alma. A fim de solucionar tais questões, utilizou-se do método cartesiano, desenvolvido inicialmente para ser aplicado às ciências naturais. Ele apresenta provas da existência de Deus e da diferença entre corpo e alma, de forma exata e não passível de dúvida.

Descartes, até sua morte em 1650, correspondeu-se com a princesa Isabel, filha mais velha de Frederico V e de Isabel da Boémia, por cerca de sete anos.

Em 1643, Descartes publica "Os Princípios da Filosofia", obra em que resume seus princípios filosóficos que comporiam a "ciência".

No ano de 1647, foi premiado pelo Rei da França com uma pensão e iniciou o trabalho com a "Descrição do Corpo Humano".

Em 1649, publicou "Tratado das Paixões", que dedicou a sua amiga Isabel da Boémia.

René Descartes teve sua morte ocasionada pela pneumonia em 11 de Fevereiro de 1650, em Estocolmo, onde trabalhava como professor a convite da rainha. Estava doente a alguns dias, pois o horário da aula era às cinco horas da manhã e, no clima rigoroso, sua saúde arruinou.

Foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo, mas, em 1667, seus restos mortais foram levados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca.

A vila no vale do Loire onde ele nasceu passou a se chamar La Haye-Descartes e, posteriormente, Descartes.

Descartes foi reconhecido por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também alcançou reconhecimento na matemática por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que originou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que recebeu o seu nome.

Serviu de inspiração para seus contemporâneos e várias gerações de filósofos que se seguiram. Considerado o pai do racionalismo, afirmou que a dúvida é o primeiro passo para se chegar ao conhecimento.

O método cartesiano consiste em duvidar de cada ideia que não seja clara e distinta, só se pode dizer que existe aquilo que puder ser comprovado, sendo o ato de duvidar indubitável. Com base nisso, Descartes busca provar a existência do próprio eu e de Deus.

Mais tarde, surgiu nas Ilhas Britânicas um movimento filosófico que, de certo modo, seria o seu oposto: o empirismo, com John Locke e David Hume.

## 2.2 A EXISTÊNCIA DE DEUS PARA DESCARTES

Na Terceira Meditação Descartes deseja mostrar a verdade sobre a representação das ideias, mas, para tal ele precisa comprovar a existência de Deus, um ser infinito e perfeito. Um Deus onisciente e onipresente que criou todos os seres humanos, como será apresentado a seguir.

Inicialmente, Descartes analisa o pensamento como a única coisa indubitável. Divide os pensamentos em imagens<sup>1</sup> das coisas ou idéias e vontades ou afecções. As idéias são as representações das coisas e nem as idéias nem a vontade podem ser falsos, pois a falsidade está no juízo, ou seja, na forma de julgar que as idéias do ser correspondem exatamente aos objetos exteriores dos quais elas se gerariam. (SILVA & FILHO, 2004).

---

<sup>1</sup> O termo imagem está sendo utilizado em sentido analógico, significando a representatividade da ideia.

Então, ele seleciona as ideias em gêneros, que conduzirão a conceitos como “Realidade Objetiva”<sup>2</sup> e “Realidade Formal”<sup>3</sup>, com destaque para o Princípio da Causalidade, segundo o qual, de acordo com Oliveira (2011), o efeito da ação não pode ser maior do que a causa. Por este princípio é possível saber se as ideias são representações de coisas reais ou apenas modos subjetivos sem nenhuma realidade objetiva.

Para Rodrigues (2013), o princípio de causalidade é importante para demonstrar não só que há alguma coisa externa ao próprio pensamento, mas que esta coisa existe como um ser que possui perfeição.

Associado ao princípio de causalidade também é importante utilizar o princípio de correspondência, pois não é suficiente garantir que existe algo que é a causa da realidade objetiva, mas também é necessário que este algo seja proporcional à realidade objetiva.

Com isso, Descartes conclui que a Realidade Objetiva seria o resultado da Realidade Formal que é a sua origem. Nota, ainda, que existe um ser com ideias finitas e infinitas, e que essas correspondem a diversos “Graus de ser”, havendo uma linha de importância entre cada ideia, que difere de todas as outras. A diferença de graus de realidade objetiva é que vai exigir uma causa.

Uma análise aprofundada nos graus de realidade objetiva das várias ideias contidas no ser resultará numa ideia, cujo grau de realidade objetiva é tão grande que transpõe a capacidade formal de causá-la. O conteúdo não poderia ser outro senão aquele que representa uma substância infinitamente perfeita.

Descartes percebe que existem ideias infinitas teoricamente geradas pelo homem, que possui um limite: a dúvida. O homem como ser limitado não pode produzir ideias infinitas.

Dessa forma, Descartes prova a existência de Deus, um ser superior, infinito, que é a causa de tudo, pelo qual a Realidade Formal equipara-se à Realidade Objetiva, e assegura a legitimidade de todas as representações, desde que se mostrem de forma distinta e clara.

---

<sup>2</sup> A Realidade Objetiva distingue um pensamento de outro, é o conteúdo mostrado pelo pensamento como objeto mental. A ideia de uma substância pode conter mais realidade objetiva do que a ideia de um acontecimento. Assim, a ideia de uma substância infinita apresenta mais realidade objetiva do que a ideia de uma substância finita. (SILVA & FILHO, 2004).

<sup>3</sup> A Realidade Formal refere-se a forma da representação, que é o próprio pensamento. (SILVA & FILHO, 2004).

Silva & Filho (2004) lembram que, para Descartes, o conceito de “infinito” veio antes do conceito de “finito”. Da mesma forma, a própria ideia que trazemos de nós mesmos é proveniente da ideia de Deus, embora só cheguemos a este conhecimento após muita meditação.

Aquilo que é bom só é bom porque foi criado por Deus, assim como aquilo que é verdadeiro. A vontade divina é completamente livre, pois Deus está acima do bem e do mal.

E eu mesmo, que possuo essa ideia Dele, poderia existir, no caso de não haver Deus? A dúvida está presente na causa, no próprio ser pensante que apresenta a ideia de Deus. A incoerência de ser causa de si é o motivo da impossibilidade de ser causa da ideia de Deus, e por esta razão, a causa dessa ideia não pode ser um ser finito, mas sim um ser infinito, que é Deus.

Silva & Filho (2004), referindo-se aos axiomas que sustentam o princípio da causalidade, nos apresentam que: se um ser não é capaz de se criar ou conservar sozinho, significa que sua existência é devida a Outro, pois, do nada, nada se origina; este Outro deveria ser tão real quando o ser humano, pois há tanta realidade na causa quanto no seu efeito; de maneira que um indivíduo deve ser causado, pelo menos, por uma substância pensante que possua a ideia de Deus. Mas, alguém finito como o homem não seria capaz de conservar outro indivíduo e não conservar a si mesmo. Logo, este Outro só pode ser Deus.

A continuidade das coisas é assegurada por Deus. A existência desta ideia não depende de um ser pensante. O corpo poderia ter sua causa em outra causa material, mas o ser pensante só pode ter sua causa conferida a Deus. O ser pensante adquiriu esta ideia no instante em que foi originado e ela é o motivo para um ser imperfeito pensar na existência de outro perfeito.

A unidade das provas da existência de Deus é alcançada na junção da causa eficiente à causa formal. Por meio da primeira, é possível chegar à existência de Deus por seus efeitos, por meio da segunda, é possível chegar a sua existência por sua essência.

## PROPOSTA DE TRABALHO COM A TERCEIRA MEDITAÇÃO DE DESCARTES

### 3.1 INTRODUZINDO A DISCUSSÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS

A proposta de trabalho com a Terceira Meditação, de Descartes, será iniciada por uma breve discussão com os jovens do Ensino Médio sobre a crença na existência de uma entidade superior, que criou todo o universo e o homem, por consequência.

O objetivo é introduzir a reflexão, que posteriormente será retomada e aprofundada. A reflexão sobre a existência divina em Descartes traz consigo o estudo de como ocorre a representação das ideias, realizado pelo autor na Terceira Meditação.

Segundo ele, o que se acreditava saber não era verdadeiramente conhecimento, pois o que se designava ser o conhecimento não estava totalmente livre da dúvida. O movimento do conhecimento não se concretizava a partir do externo, mas a partir do sujeito como pensante.

Por meio deste método, que partia continuamente da dúvida, Descartes comprova que existe uma criatura perfeita e infinita que criou o homem, imperfeito e finito. Para este autor, Deus garante não só a existência do próprio Descartes enquanto substância que pensa, como também a existência do mundo como substância extensa e a sua própria existência como substância divina.

Assim, Deus é a base de todo o conhecimento e da própria probabilidade de conhecer. Esta conclusão de autor deve ser a informação principal absorvida pelos alunos ao final deste estudo.

Segundo Oliveira & Umbelino (2013), dentre as fases de compreensão de um texto, é importante e parte de exame de sua situação histórica, bem como do autor. Neste momento da aula, o professor apresentará as informações biográficas do autor e de contextualização histórica da obra, a fim de que estas possam ajudar no entendimento do conteúdo da obra.

Assim, com a apresentação dos dados biográficos de Descartes, o professor revelará características do autor, já incluindo os seus estudos acerca do tema da existência divina e da imortalidade da alma.

A fim de concretizar o que foi dito poderá ser exibido um trecho do filme “Descartes”<sup>4</sup> (*Cartesius*), de 1974, da cena em que Descartes encontra a rainha Isabel da Boémia e lhe explica sobre suas conclusões acerca da origem do pensamento e da existência humana, solicitando que seu tratado seja imediatamente publicado.

A cena de filme servirá para que os jovens adquiram mais proximidade com o tema, vendo como Descartes foi representado no cinema e como demonstrava suas ideias.

Após esta etapa de contextualização, se seguirá a leitura do texto clássico, associada ao roteiro de leitura, como evidenciado a seguir.

### 3.2 O CONTATO COM O TEXTO CLÁSSICO

Oliveira & Umbelino (2013) estabelecem uma diferença entre texto clássico filosófico e o texto clássico literário, pois a literatura e a filosofia têm maneiras distintas de apropriar-se daquilo que é considerado real. Nas obras de filosofia, quem escreve normalmente apela para a razão do leitor, enquanto no texto literário o escritor toma posse da enunciação, trazendo um conteúdo que estimula o imaginário e numa linguagem mais próxima do leitor. A obra filosófica traz certo distanciamento para poder analisar o problema, de forma a conduzir para um debate racional.

Para Oliveira & Umbelino (2013), ler um texto de filosofia é uma forma de retomar a maneira como o autor problematiza, conceitua e toma posição a respeito de determinado tema, proporciona ao leitor, ao mesmo tempo, a chance de também refletir sobre o problema. O processo de leitura é também um processo de reconstrução dos sentidos, considerando as especificidades de cada texto filosófico.

A leitura de um texto clássico é sempre uma forma de enriquecimento vocabular e cultural, pois o estudante ampliará suas habilidades linguísticas, de raciocínio, interpretação e compreensão de texto.

---

<sup>4</sup> O trecho do filme está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s8xU5OWBcP4&t=8920s>>. Acesso em 02 mai 2018. O filme tem 2h41min de duração e o referido trecho está localizado em 2h22min até 2h26min aproximadamente. A direção do filme é de Roberto Rossellini e o roteiro é de Roberto Rossellini, Renzo Rossellini, Luciano Scaffa e Marcella Mariani.

Os textos clássicos podem ser aplicados a qualquer época, sendo, por isso, chamados de extemporâneos. Esses textos trazem, normalmente, a relação entre filosofia e as outras ciências, como a metafísica e a própria história.

Schlesener (2013) afirma que a explicação de um conteúdo de um tempo passado significa tanto tornar atual o discurso quanto reinterpretar o passado, a fim de procurar seus sinais no tempo presente.

Segundo Severino (2009), para a leitura dos textos filosóficos é fundamental também o contato com a tradição cultural da disciplina de Filosofia. Esse contato se dá na medida em que são consultadas fontes e se estabelece o diálogo com os filósofos clássicos e contemporâneos. A fonte principal para a consulta filosófica são os textos clássicos, que são chamados de fontes primárias, mas também podem ser utilizadas fontes secundárias, que são os outros autores, que escrevem sobre o que disseram os filósofos clássicos em suas obras, reinterpretando-os.

O envolvimento pessoal do leitor com o problema contribuirá para tornar a leitura mais interessante. Dessa forma, é importante a escolha do tema trabalhado em sala de aula para que este possa ser associado às questões cotidianas do jovem. Este envolvimento pessoal possibilitará ao estudante reagir filosoficamente ao desafio intelectual que o texto lhe apresenta, adotando o problema para si, mas mantendo certa distância crítica, importante para o posicionamento acerca do conteúdo apresentado. Este processo de envolvimento poderá ser estimulado no trabalho com a Terceira Meditação, ao ser questionada a crença particular na existência ou não de uma divindade.

Para facilitar a leitura da Terceira Meditação, de Descartes, texto clássico escolhido para este trabalho, um roteiro de leitura foi elaborado. A intenção é melhorar a compreensão do texto por parte dos jovens.

### 3.3 O ROTEIRO DE LEITURA

Segundo Oliveira & Umbelino (2013), a leitura cuidadosa do texto proposto deve ocorrer em fases, sendo que a orientação por meio de perguntas ajudará a manter a compreensão de como se estrutura a argumentação na obra.

Para isso, um roteiro de leitura foi elaborado, visando ampliar a compreensão do texto de Descartes. As perguntas que foram elaboradas são bastante simples e,

à medida que o aluno for respondendo, estará lendo o texto e verificando os aspectos apontados. As respostas das perguntas facilitarão a compreensão dos pontos principais do texto e colaborarão para a discussão posterior.

Assim, o roteiro busca examinar sobre a Terceira Meditação:

1. O que o autor julga “saber verdadeiramente”?
2. O que o autor estabelece como “regra geral” sobre a verdade das coisas?
3. Quais coisas o autor julga “duvidosas e incertas”?
4. Em relação ao pensamento, como age o poder de Deus?
5. O que o autor julga necessário examinar para provar a existência de um Deus?
6. Dentre os pensamentos, quais podem ser chamados de “ideias”?
7. Como são as “vontades e juízos”?
8. Como o autor classifica as ideias, segundo sua origem?
9. O que Descartes entende por “natureza”?
10. “Objeto” e “ideia” são sempre semelhantes?
11. O que leva o autor a acreditar em coisas fora de si? O que estas “coisas” permitem pelos sentidos?
12. Quais ideais, segundo ao autor, contêm mais “realidade objetiva”?
13. E a ideia de Deus tem mais “realidade objetiva”? Por quê?
14. Como o autor explica o Princípio da Causalidade?
15. Como o Princípio da Causalidade explica a existência de Deus, uma criatura perfeita?
16. O que a “luz natural” permite ao autor conhecer sobre as ideias?
17. O que é possível concluir ao descobrir que existe uma ideia da qual o ser humano não é a “causa”?
18. As ideias de “coisas corporais” provêm de onde?
19. Que tipo de falsidade pode ser encontrada nas ideias?
20. O que a presença de ideias falsas faz o autor presumir sobre a natureza humana?
21. Quais outras ideias o homem pode retirar da ideia que tem de si mesmo?
22. E quanto “às qualidades das ideias”, onde estão contidas?
23. O ser humano enquanto ser finito poderia produzir sozinho a ideia de um Deus infinito? O que isto comprova?

24. De onde provém o conhecimento humano da existência da própria dúvida e da imperfeição?
25. A “natureza finita” do homem é capaz de compreender todas as coisas de Deus? Por quê?
26. O conhecimento humano pode chegar a ser igual ao conhecimento divino? Por qual razão?
27. Como Descartes conclui que o ser humano não pode ter criado a si mesmo?
28. Qual a “causa” responsável por “criar” o indivíduo e “conservá-lo”?
29. De acordo com Descartes, quais são as principais “perfeições” existentes em Deus?
30. Qual a única coisa que o autor considera como “ele próprio”?
31. Quando surge a ideia que o ser tem de si mesmo?
32. Em que consiste o fato de Deus ter criado o homem “a sua imagem e semelhança”?
33. O que a meditação é capaz de proporcionar ao homem?

Com este roteiro, é possível entender com exatidão a estrutura do texto estudado. As respostas contribuirão para conduzir a discussão que se seguirá.

### 3.4 A REFLEXÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE DEUS E A IMORTALIDADE DA ALMA

Para Oliveira & Umbelino (2013), a fase que se segue é a de análise crítica do texto. Neste momento, o aluno se posicionará criticamente sobre o tema tratado pelo autor e aos seus argumentos. O aluno poderá comentar as conclusões que foi aos poucos extraindo da análise do texto; debater ou problematizar de forma pessoal os problemas do texto; assumir um posicionamento pessoal acerca das ideias do texto e até mesmo a respeito da sua estrutura.

Para Severino (2009), o processo de defesa de um posicionamento a partir do texto lido é muito delicado, por exigir certa maturidade intelectual do leitor, bem como o aprofundamento no texto, que depende de diversos recursos teóricos para este estudo. A posição crítica será adquirida à medida que o leitor começar a pensar por si próprio.

A reflexão proposta deverá fazer com que os jovens consigam refletir sobre a própria existência, a existência de um Ser superior que criou e “preserva” a vida humana e a existência de uma alma imortal em cada indivíduo.

Os jovens devem ser estimulados ao pensamento crítico, de forma a compreender como se constrói a realidade a partir do mundo das ideias.

Ao final da discussão com a turma, direcionada pelo professor da disciplina de Filosofia, os alunos do Ensino Médio deverão compreender que, de acordo com o pensamento de Descartes, Deus é a base de todo o conhecimento e da própria probabilidade de conhecer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Terceira Meditação de Descartes, propôs-se neste estudo uma análise crítica e reflexiva, adequadamente orientada e apoiada pelo professor da disciplina de Filosofia do Ensino Médio. A análise em questão, além do enriquecimento linguístico e cultural, poderá trazer ao estudante a base necessária para pensar crítica e filosoficamente sobre a própria existência, a partir deste autor.

Finalizada a discussão aqui proposta, acerca do tema da existência de Deus em Descartes, os alunos deverão compreender que para este autor Deus é a base de todo o conhecimento e da própria probabilidade de conhecer, ou seja, da existência das ideias.

A intenção da discussão não é impor a ideia da existência divina, mas demonstrar as ideias de Descartes e como ele argumenta a favor do que acredita. Outros filósofos com ideias diferentes poderão ser estudados na sequência, de maneira que os próprios estudantes podem interessar-se pela pesquisa de outras fontes filosóficas sobre o tema.

Espera-se, com este estudo, que a sugestão de trabalho em sala de aula possa ser executada por professores de Filosofia atuantes no Ensino Médio ou sirva de base para futuros trabalhos que apontem para o uso de textos clássicos na escola, como o de Descartes.

## REFERÊNCIAS

CEPPAS, F. **Para a realização de TCC em Filosofia.** In: Marcelo, C., Gabriele, C. (Orgs.). *Ensinar filosofia* : Vol. 2. MT: Central de Texto, Cuiabá, 2013.

DESCARTES, R. **Terceira Meditação.** In: *Meditações Metafísicas.* (Pensadores) São Paulo: Nova Cultural, 1991.

GONTIJO, P. **Didática para além da Didática.** In: Marcelo, C., Gabriele, C. (Orgs.). *Ensinar filosofia* : Vol. 2. MT: Central de Texto, Cuiabá, 2013.

GUÉROULT, M. **Descartes segundo a ordem das razões.** São Paulo: Discurso ed., 2016.

OLIVEIRA, F. P. **As diferentes formulações do princípio de causalidade nas Meditações Metafísicas e sua aplicação em contextos específicos do sistema cartesiano.** 2011. 75 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia – Lógica e Metafísica) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, M. L. A. P. P., UMBELINO, L. A. F. C. **A Centralidade do Texto no Ensino e Aprendizagem da Filosofia no Ensino Secundário: Sobre a Questão da Leitura Integral do Texto Filosófico.** Dissertação de Mestrado Em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2013.

RENÉ DESCARTES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ren%C3%A9\\_Descartes&oldid=51522904](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ren%C3%A9_Descartes&oldid=51522904)>. Acesso em: 18 abr. 2018.

RODRIGUES, L. L. **A prova cosmológica da existência de deus em René Descartes: o princípio de causalidade como elemento fundamental.** Universidade Estadual Paulista. Filogênese: Vol. 6, nº 2, 2013.

SCHLESENER, A. H. **Ensinar Filosofia ou instigar a pensar? O desafio kantiano na realidade do Ensino Médio.** R. NESEF Fil. Ens., Curitiba, v.3, n.3, p.6-15, Jun/Jul./Ago./Set. 2013.

SEVERINO, A. J. **Como ler um texto de filosofia.** 2ª edição, PAULUS Editora, 2009.

SILVA, F. L. **A Metafísica da Modernidade.** São Paulo: Ed. Moderna, 1993.

SILVA, J. A. F., FILHO E. J. J. **As provas da existência de Deus nas Meditações Metafísicas de René Descartes**. Rio de Janeiro, 2004. 65p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SILVEIRA, R. T. **Teses sobre o ensino de Filosofia no ensino médio**. In. Silveira, R., Goto, R. (Orgs.) *A filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas*. Col. Filosofar é Preciso, São Paulo: Ed. Loyola, 2007.